

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

CONFIAR NO POVO

Organizar e desenvolver as lutas de massas

Em meios democráticos, a que não fogem um ou outro elemento do nosso Partido, discute-se com certo calor o fenómeno do contínuo agravamento das contradições internas do regime e conclui-se que é preciso aproveitar a situação, em particular o descontentamento e as divergências mais ou menos visíveis que crescem nas fileiras salazaristas, com vista, dizem, ao diálogo e a conseguirem-se aberturas que conduzam à «liberalização» do regime. Chega-se mesmo ao ponto de caracterizar esses descontentes fascistas de «fascistas de esquerda». Entre «fascistas de esquerda» e «fascistas de direita», dizem estes novos teóricos da revolução, o papel das forças democráticas não é manterem-se alheias, mas intervirem, apoiando «as forças fascistas de esquerda» (sic). Fazendo-o, dizem, obterão em troca certas concessões, como maior liberdade de imprensa (não checaremos nenhuma), talvez a formação de um ou outro partido, talvez a liberdade de reunião, etc. Temos de convir que se contentam com muito pouco.

Esta teoria estranha assenta as suas putrefactas raízes na ideia de que não é de prever a curto e médio prazo uma revolução em Por-

tugal; que a emigração para o estrangeiro representa um «escape de energias revolucionárias», obstando assim o descontentamento popular. Como não é de prever a revolução a curto prazo, vá de ajudar as «forças fascistas de esquerda» a organizar um golpe de palácio que ponha Salazar de lado. Triste perspectiva, na verdade!

O que sucede, na realidade, é que estes democratas, e também um ou outro comunista, descrem em absoluto nas inesgotáveis energias das massas populares e nas próprias forças democráticas que se rejuvenescem diariamente com novos combatentes bem mais optimistas. Temendo as dificuldades que a luta comporta nas condições difíceis de uma ditadura fascista, escudam-se atrás de teorias liquidacionistas que eles próprios inventam e apresentam nas horas mais difíceis, tal como são pródigos em inventar teorias ultra-revolucionárias nos períodos de afluxo

do movimento revolucionário.

As novas-velhas teorias destes velhos-novos teóricos da revolução, não passam, pois, de desajeitadas explicações para alguns deles justificarem a guinada repentina de 180 graus que deram do «revolucionarismo de esquerda» para as piores posições de direita, que consistem em confiar a direcção da luta contra Salazar aos salazaristas descontentes. Numa palavra: das posições ultra-esquerdistas que ignoram as massas deixaram-se resvalar para as concepções capitulacionistas que as ignoram igualmente.

Daf alguns considerarem que todas as iniciativas de envio de representações escritas ao presidente da República são sempre positivas e, por isso, não é correcto o Partido Comunista criticar aberta e publicamente os aspectos negativos das mesmas representações.

(continua na pág. 2)

Dezenas de milhar de tarjetas e manifestos, editados pelo Partido Comunista Português e por grupos de trabalhadores, nos quais se colocavam as reivindicações mais prementes e as consignas de luta, foram largamente distribuídos antes do 1º de Maio.

Em Lisboa assinalaram-se inscrições nos bafros mais populares, alusivas ao 1º de Maio, à guerra colonial, à Amnistia dos presos políticos, ao Partido Comunista Português.

Da Praça Marquês do Pombal ao Terreiro do Paço, numerosas forças repressivas dispersavam ajuntamentos, enquanto carros patrulhas da P.S.P. circulavam em profusão, com o objectivo de criar um clima intimidativo e de actuarem prontamente em caso de manifestações.

Os portuários de Lisboa aprovaram, no dia 1º de Maio, uma mensagem aos povos coloniais em luta, redigida nos seguintes termos: «Queridos irmãos africanos: Os estivadores e corregadores do Porto de Lisboa enviam-vos uma mensagem de apoio à vossa justa e corajosa luta de independência

(continua na pág. 3)

Os operários da siderurgia nacional LEVANTAM-SE CONTRA A EXPLORAÇÃO

Foi uma prova de coragem. Foi uma prova de unidade. Foi um exemplo de luta. Os operários da Siderurgia Nacional paralisaram o trabalho, em sinal de protesto contra um roubo descarado nos seus salários, contra as novas medidas arbitrarias da empresa. Em vez do pagamento à semana foi estabeleci-

do o recebimento mensal. O subsídio de turno foi incluído nos salários e estes sofreram uma baixa inesperada.

Enquanto o volume de capitais e os lucros da empresa crescem desmedidamente, enquanto a euforia capitalista toma os magnates da nova indústria, os operários de-

vem pagar com a redução dos seus salários, com a sua miséria e uma exploração acrescida, a prosperidade dos grandes senhores da Siderurgia, que vai dilatar os seus capitais para 4 milhões de contos, sob a benéfica protecção do governo salazarista, esse representante dos monopólios, esse opressor da classe operária.

Mas os Champallimaud os Ribeiro Spínola os Galvão! eles lacaios dos monopólios alemães, da Krupp e de Von Menges calcularam mal o rendimento que iriam obter com a baixa dos salários e os novos roubos.

A revolta dos trabalhadores estalou na empresa. Em 30 de Março, às oito da manhã, em todas as secções, os operários abandonaram o trabalho e concentraram-se diante da gerência.

«Queremos os nossos salários!» «Paguem-nos o que nos devem!» — gritavam. E exigiram que o gerente da empresa os recebesse e se explicasse. A explicação imediata veio na presença das forças da GNR que, a cavalo e de jeep, armadas de metralhadoras, penetram em formação de ataque no recinto da empresa.

Mas nem a presença provocatória da GNR nem as ameaças dos agentes do patronato intimidaram os trabalhadores.

(continua na pág. 3)

O EXEMPLO do povo soviético

Os cinquenta anos do poder soviético, toda a vasta obra empreendida desde que os trabalhadores russos derrubaram o sistema capitalista até à construção das bases técnico-materiais do comunismo, revelam o imenso valor do sistema socialista, e o heróico e abnegado esforço dos povos da URSS e do seu glorioso Partido Comunista para edificarem a nova sociedade, que serve de estímulo, de guia e de exemplo, aos trabalhadores de todo o mundo.

Na vasta União Soviética, os trabalhadores levam a cabo a realização do novo plano quinquenal, aprovado no XXIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Este novo plano fará avançar a construção das bases da sociedade comunista.

A produção agro-pecuária aumentará em 25 por cento. Um milhão e 790 mil tractores serão fornecidos aos camponeses. O fornecimento dos adubos multiplicar-se-á. O rendimento dos camponeses crescerá entre 35 a 40 por cento. Institui-se a semana de 5 dias de trabalho. Constroem-se novas fábricas, novas casas de repouso, novos hospitais, escolas e outros estabelecimentos de ensino. Trabalha-se para aproximar cada vez mais o nível de vida da população das cidades e dos campos.

Neste ano em que os trabalhadores soviéticos e do mundo inteiro celebram os cinquenta anos do poder socialista, os trabalhadores portugueses vitoriarão, também, a gloriosa revolução de Outubro que abriu uma nova era na história dos povos — a era do socialismo —.

Sob o impulso da revolução de Outubro e das suas conquistas revolucionárias, os trabalhadores portugueses ganharam uma nova noção da sua força, da sua unidade e da sua luta.

A VIAGEM DO PAPA PAULO VI A PORTUGAL

Quando o «AVANTE!» entrar no prelo ainda o Papa Paulo VI não terá realizado a sua visita ao Santuário de Fátima, onde vem «orar pela Paz e em particular pela Paz no Vietnam.»

No momento em que o Vietnam arde sob as bombas dos agressores americanos e a Paz mundial está em perigo, louvamos o esforço de milhões de católicos, que no mundo inteiro, ombro com ombro com homens e mulheres de várias tendências políticas e de crenças religiosas diversas, lutam e trabalham sinergeticamente pela Paz.

O governo fascista, o alto clero reaccionário e em especial o cardeal Cerejeira, procuraram, através de prolongadas e insistentes diligências, que a visita do Papa se revestisse de carácter oficial, de nítido sentido político, embora acobertada por intenções religiosas. O desembarque realizar-se-ia em Lisboa, para que o católico Salazar e os seus ministros pudessem transformar a visita de Paulo VI numa imponente manifestação de apoio ao regime, especulando com os sentimentos religiosos da grande massa dos portugueses, procurando deste modo credenciar a política de guerra, de terror e de crimes do fascismo salazarista.

Ao tomar a decisão de vir a Fátima, sua Santidade, o Papa Paulo VI, deixou bem expresso que a sua viagem se revestia de carácter particular e, tinha como objectivo a promoção da paz no mundo. Monsenhor Fausto Vaillanc, secretário da imprensa do Vaticano, acentuou que «seria diminuir esta viagem querer atribuir-lhe designios políticos ou a intenção, como alguns pretendem, de apoiar este ou aquele regime político».

(continua na pág. 4)

ORGANIZAR E DESENVOLVER AS LUTAS DE MASSAS

(continuação da pág. 1)

A via para o agravamento das contradições

Que as contradições internas do regime se agravam de dia para dia não é novidade nenhuma. Importa, porém, salientar que esse agravamento não se processou por geração espontânea. No fundamental é devido à luta diária do proletariado português e do seu Partido Comunista, dos camponeses, dos estudantes e intelectuais, de largos sectores da pequena burguesia e das classes médias, dos militares, das acções das forças democráticas, pelas suas reivindicações de carácter económico, político, cultural, contra as guerras coloniais, pela paz, pelas liberdades democráticas, assim como a luta armada dos povos das colónias portuguesas pela sua independência nacional.

A realização prática da unidade das forças democráticas por objectivos muito precisos imediatos e mediatos; o desenvolvimento da luta de massas pelo pão, contra a

guerra colonial, pela abolição da censura, contra a repressão e pela amnistia, são a via segura para aprofundar até ao extremo as contradições internas do regime, isto é, a crise em que ele se debate, e criar as condições necessárias para passar à preparação técnica da revolução democrática e nacional que derrubará o salazarismo, instaurará a democracia e encaminhará o país pela senda do progresso.

Aprofundam-se as contradições pelo desenvolvimento da luta de massas

O problema não se pode nem deve pôr em termos de «liberalização» do regime pelo jogo espontâneo das suas contradições internas e muito menos como fruto de compromissos ou de definições políticas de carácter oportunista, para dar confiança aos fascistas descontentes. Com o caminho que as coisas levam, pensam eles, é preciso evitar a revolução nas ruas, a «trágica confrontação dos extremismos ideológicos», nada haverá a temer quanto às estruturas políticas, económicas e sociais fundamentais, apenas serão necessários uns reboques ligeiros com argamassa pouco consistente para tapar aqui e ali chagas demasiado visíveis e chocantes.

O dever dos revolucionários é desenvolver a luta de massas para aprofundar aquelas contradições e exarcebar ao máximo as contra-

dições antagónicas que opõem a grande massa do povo português ao poder dos monopólios que a ditadura fascista de Salazar personifica. É em termos de Revolução que as coisas devem ser postas.

A natureza do diálogo

Diálogo, sim, mas diálogo entre as forças democráticas e destas com as massas populares, sobre os problemas políticos nacionais e internacionais com incidência sobre a situação política nacional, com vista a encontrarem-se pontos de acordo e formas de acção comum que elevem a luta de massas contra a ditadura fascista a níveis mais altos, tanto em largueza como em profundidade, com vista à concretização prática da larga frente democrática e anti-fascista necessária para conduzir o povo português à conquista da democracia. Os exemplos de grandes lutas passadas, umas, e bem recentes, outras, mostram que é este o caminho a seguir até ao fim, sem desvios.

Os envios de exposições mais ou menos regulares ao presidente da República e ao chefe do governo abordando um ou outro problema de actualidade, criticando e condenando um ou vários aspectos da política salazarista, protestando contra uma ou outra arbitrariedade cometida pelas autoridades fascistas, reivindicando determinadas concessões, etc., além de poderem ser um processo para os signatários mostrarem dentro e fora do país que existem, são, sem dúvida alguma, iniciativas que não devem ser desprezadas. Num ou noutro caso têm tido mesmo certo alcance político e servido também para aglutinar, em volta de um ou vários problemas políticos candentes, democratas de várias correntes políticas, o que é altamente positivo. O Partido Comunista Português defendeu sempre, e continua a defender hoje, que todas as formas legais de luta devem ser aproveitadas, incluindo naturalmente o envio de representações às autoridades governamentais.

Porém, o problema não reside neste, reside antes no conteúdo das exposições, nas concepções que se

apresentam sobre os problemas políticos nacionais e internacionais e nas soluções que se propõem, nas afirmações que por vezes se expressam ao abrigo da representatividade dos signatários de tais exposições.

Dizem alguns que se deve salientar sempre os aspectos positivos de tais iniciativas e não ficarmos apenas na crítica aos aspectos negativos, e isso é justo. Sucede, porém, que dar às vezes demasiada saliência a um ou outro aspecto positivo pescados com dificuldade no meio de muitos negativos (não poucas vezes perigosos do ponto de vista político) escureceria as coisas em vez de as clarificar.

Dizem outros que tais iniciativas são sempre positivas. Um tal raciocínio é incorrecto e perigoso. Serão positivas se o seu conteúdo for correcto do ponto de vista político e tático, favorecendo o desenvolvimento da luta das massas populares e das forças democráticas contra a ditadura fascista. Se tais premissas não se verificarem essas iniciativas serão negativas e como tais deverão ser criticadas e combatidas do ponto de vista político e ideológico. Mesmo que um ou outro aspecto de análise política mais ou menos justa, uma ou outra passagem crítica correcta se encontrem diluídas em todo um conjunto de concepções políticas tendentes a reduzir o movimento democrático ao immobilismo, tendentes a confiar a mudança de regime numa milagrosa «liberalização» automática do próprio regime, mesmo assim, não podemos nem devemos considerar positivas tais iniciativas. Abrirmos os olhos para o particular e fechá-los ante o todo, ante o fundamental, em nome de uma pseudo compreensão ou de uma falsa unidade, para não causar ondas, seria prestar um mau serviço ao proletariado português, à causa da unidade democrática e anti-fascista e da democracia.

Não somos, pois, contra o tipo de iniciativas de que vimos tratando, pelo contrário, somos pela sua intensificação a todos os níveis. Pensamos, isso sim, que para elas terem mais peso e repercussão política e se poder falar nelas em nome de milhões de portugueses, se impõem trocas de opiniões entre os democratas das várias tendências políticas, em nome de partidos e de grupos políticos ou na qualidade de personalidades políticas, impõe-se que haja diálogo franco, discussão e aprovação, nas suas linhas gerais, dos documentos antes de serem enviados aos destinatários e de serem tornados públicos.

A revolução democrática e nacional não contém na sua definição que se deve confiar na «liberalização» automática do regime que se deve colocar o movimento democrático a reboque dos grupos fascistas descontentes, que se deve defender a continuação do salazarismo sem Salazar. A luta popular de massas é o motor da revolução. Chega-se a ela tanto mais depressa quanto mais depressa as forças democráticas compreenderem que têm de basear a sua acção na confiança do povo. Nós, comunistas não nos afastaremos deste caminho,

Mais fundos para o Partido

No número de Abril do «AVANTE!», a Comissão Executiva do Comité Central lançou um apelo a todo o Partido, para que intensificasse a recolha de fundos.

Nesse apelo, a Comissão Executiva afirma: «As iniciativas a pôr em prática para uma maior recolha de fundos devem ser dirigidas, no fundamental, para as fábricas e empresas, para todos os locais de trabalho, para as escolas, para os intelectuais progressivos.»

E o documento da Comissão Executiva define a orientação para que a Campanha de Fundos possa ter êxito: **fomentar a iniciativa dos organismos de base e dos militantes do Partido, na busca de formas e meios para o aumento permanente das receitas do Partido.**

Cuidado com eles

TINOCO, chefe de brigada da PIDE e conhecido torturador de presos, mora na Rua D. Estefânia, em Lisboa, em frente da Livraria Divulgação. FERREIRA DA SILVA, inspector da PIDE, mora em frente do Estádio da Boavista, no Porto. VAZ MARQUES, morador em Almada, na rua Bernardo Francisco Costa 66, é informador da PIDE.

LUTA AUDACIOSA DOS PESCADORES BOICOTE À NOVA LOTA DE VIANA

A luta dos pescadores da costa vianense tem crescido paralelamente ao seu descontentamento. Já no passado mês de Fevereiro, os arrais das «moltras» haviam realizado uma concentração junto das autoridades marítimas de Viana do Castelo, para exigir o funcionamento da nova lota nos moldes antigos e a manutenção do dízimo de 2,0% em vez do de 3,5% agora exigido. Um mês depois, nova manifestação de protestos. Desta vez, em 23 de Março, os pescadores, com as suas mulheres e filhos, totalizando mais de mil pessoas, concentraram-se junto da Capitania para apresentarem as suas justas reivindicações. Pela sua coragem e firmeza, o papel desempenhado pelas mulheres dos pescadores neste combate é digno de nota. Muito povo de Viana, juntando-se aos manifestantes, apoiava os pescadores, dirigindo insultos em direcção do edifício da Capitania.

Conscientes de que a unidade e a luta são as suas melhores armas, realizaram duas concentrações na Casa dos Pescadores, onde reclamaram que o funcionamento da nova lota se efectuasse nos moldes antigos. As autoridades fascistas permaneceram surdas aos protestos dos pescadores e

inauguraram oficialmente a nova lota.

Uma verdadeira greve do peixe, que se prolonga há semanas na lota, foi a pronta resposta dos pescadores.

Não são, por isso, os pescadores os responsáveis pela falta de peixe em Viana. É o governo de Salazar, e a sua organização corporativa.

Nestas condições, a luta dos pescadores tem de ser tenaz e implacável. Assim, o director da lota de Aveiro, que se dirigiu a Viana para instruir o pessoal sobre a melhor maneira de roubar os pescadores, foi encontrar o seu automóvel com os pneus rebentados, a antena da rádio partida e os estofos dos assentos rasgados. Por sua vez, um pescador acobardado e iludido, que não soube resistir às pressões das autoridades marítimas e acedeu a falar como «representante» dos

pescadores na inauguração oficial da lota, de um dia para o outro, viu a sua vida transformar-se num inferno. Os companheiros não podiam perdoar-lhe. As troças e ameaças de que se tornou alvo constituíram para ele uma tortura moral que acabou por levá-lo ao suicídio de que as autoridades fascistas são inteiramente responsáveis.

Mantendo o boicote à nova lota, os pescadores não estão defendendo apenas os seus interesses, mas também os do povo laborioso. O povo de Viana deve, pois, manifestar uma crescente solidariedade aos pescadores em luta.

Pescadores de Viana! O Partido Comunista Português está convosco e saúda a combatividade tenaz de que estais dando provas!



Façamos crescer as lutas por aumento de salários

GREVE VITORIOSA DAS CONSERVEIRAS DE MATOSINHOS

Dando provas de perfeita unidade e firmeza, as conserveiras de uma fábrica de Matosinhos, resolveram abandonar o trabalho, enquanto o direito a gozar férias não fosse concedido a todas, sem excepção.

A greve durou uma semana. Só então o patrão se viu forçado a convocar as operárias para retomarem o trabalho, comprometendo-se a dar férias no decorrer dos próximos 3 meses. Depois de terem visto atendida a sua reivindicação, as conserveiras decidiram retomar o trabalho.

Conserveiras de Matosinhos! Esta greve vitoriosa abre o caminho para novas e intensificadas acções dentro do espírito de unidade, contra a miséria nos vossos lares, pelo aumento de salários no fim do defeso, pela não violação do horário das 8 horas, pelo pagamento das horas extraordinárias com o aumento de 50,0% de acordo com a lei!

As operárias da CIP abandonam o trabalho

Os patrões da CIP (Santa Iria da Azóia) recusaram o aumento de 10\$00 diários que havia sido reivindicado pelas operárias preparadoras de sacas.

Em sinal de protesto, estas resolveram baixar para menos de metade o ritmo de trabalho infernal que vinham realizando.

O director aceitou conceder-lhes aquele aumento desde que se obrigassem a realizar um limite mínimo de produção, mas as operárias não aceitaram esta proposta, exigindo aumento sem aquela obrigatoriedade. Perante a recusa do director, as operárias abandonaram o trabalho.

Uma intensa campanha de intimidação desenvolveu-se imediatamente na empresa. Enquanto o director ameaça fechar a fábrica, o chefe dos escritórios, Armando da Silva Pereira, conhecido rafeiro do patronato, tenta quebrar a firmeza das operárias ameaçando-as com a cadeia.

Novas lutas nas empresas

Contra a exploração e a miséria, contra o aumento constante do custo de vida, a classe operária e as massas laboriosas desenvolvem e intensificam a sua luta.

Na LISNAVE (Margueira-Almada), os serventes com menos de um ano de casa, que se têm batido por salário igual aos seus camaradas mais antigos, acabam de conquistar um aumento de salário de \$800, vendo assim satisfeita a sua reivindicação.

ARSENAL DO ALFEITE (Cova da Piedade), através da sua comissão de unidade, uma exposição com 1.300 assinaturas de operários foi apresentada em meados de Março último ao Estado-patrão, reclamando nomeadamente: a inclusão do subsídio oficial no ordenado-base; que o mesmo subsídio entre em linha de conta no pagamento de horas extraordinárias; que volte a ser concedido o subsídio interno que a Administração lhes retirara.

Na TREFILARIA DE SACAVÉM, o aumento de \$500 diários obtido por insuficiente provocou descontentamento entre os operários. Por isso protestaram junto dos mestres e da gerência.

Outras Lutas

Na CORAME (Sta Iria da Azóia), uma comissão de operários dirigiu-se à gerência, em nome de todo o pessoal, para reclamar o pagamento das horas extraordinárias a 50,0%, conquistado a partir de Fevereiro. A reivindicação foi satisfeita.

Os descarregadores do cais da SIDERURGIA (Paio Pires-Seixal), têm reclamado, junto dos chefes, salários iguais aos dos estivadores, pois fazem trabalho semelhante e são-lhes feitos os mesmos descontos. Têm também protestado contra a obrigatoriedade de fazerem horas extraordinárias e no princípio de Março recusaram-se a fazê-las.

Em LOULÉ, os operários que trabalhavam na construção do Hotel D. Filipa, depois de lhes ter sido recusado o aumento que reclamavam, decidiram abandonar o trabalho. Em resultado da sua acção foram chamados alguns dias depois, tendo-lhes sido dado o aumento exigido.

Na FÁBRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA (Tojal), a comissão de operários que luta por aumento de salários, tem sido fortemente apoiada pela grande massa dos trabalhadores. Os operários dos 3 turnos do dia, antes de pegarem ao trabalho, dirigiram-se aos escritórios, para apresentarem a sua reivindicação, exigindo que o aumento lhes fosse rapidamente concedido. O aumento prometido foi recebido em Janeiro mas, dado o seu pequeno montante, mantem-se o descontentamento dos operários, que não deixarão de prosseguir a luta.

A luta por aumento de salários prossegue igualmente na CAVAN (Santa Iria) na FÁBRICA DE CIMENTO TEJO (Alhandra), nos NITRATOS DE PORTUGAL (Póvoa de Santa Iria), na FÁBRICA DE PARAFUSOS MEC (Santa Iria), onde graças à constituição de comissões de unidade e à firmeza combativa dos trabalhadores, o patronato vai sendo obrigado a conceder maiores salários.

Os CORTICEIROS DO MONTEJO reclamam o pagamento de feriados obrigatórios sem compensação, aumento de salários e horas extraordinárias pagas com a percentagem da lei.

Mas como as operárias não cedem ante as intimidações e ameaças, os sacos de plástico vão apodrecendo às centenas e vão esperando... porque as mãos das corajosas operárias se recusam, com razão, a trabalhar por salários de miséria.

OS OPERÁRIOS DA SIDERURGIA NACIONAL

(continuação da pág. 1)

«Não sairemos da fábrica». «Resistiremos à violência». — Gritaram eles. Diante da firmeza e coesão dos operários, a GNR não se atreveu a atacar. O regresso ao trabalho operou-se sob a promessa de uma solução condigna, formulada pelos delegados do Instituto Nacional de Trabalho de Setúbal, que se encontravam presentes na empresa.

A promessa será cumprida?

É nas mãos dos trabalhadores da Siderurgia que está a solução dos seus problemas. Unindo-se, organizando-se, lutando com persistência e coragem os operários da Siderurgia verão satisfeitas as suas reivindicações mais urgentes e marcharão adiante, para novas lutas.

A paralisação de 30 de Março foi uma digna prova de coragem e de unidade. Com a mesma combatividade e decisão prosseguiu a luta, trabalhadores da Siderurgia!

A JORNADA DO 1º DE MAIO

(continuação da pág. 1)

e fervorosa combatividade, contra o engrenagem fascista dos monopólios. Ao vosso lado estão todos os trabalhadores honestos de Portugal e todos os homens que lutam por um mundo melhor. Desejamo-vos êxitos pela vossa luta de liberdade e independência».

Na Margem Sul do Tejo os trabalhadores assinalaram a Jornada do 1º de Maio com reuniões de confraternização, com foguetes e minutos de silêncio, em homenagem aos que caíram na luta, com acções reivindicativas. Em várias localidades desta região foram feitas inscrições, com as palavras de ordem do Partido Comunista, para o 1º de Maio: «Pão, Paz e Liberdade»; «Fora com o imperialismo»; «Abaixo o fascismo»; «Fora com os americanos do Vietnam»; «Viva o 1º de Maio».

Na fábrica SOCORQUEX (Moita), os operários levaram a cabo uma importante luta reivindicativa nas vésperas do 1º de Maio. Seguindo as consignas do Partido Comunista Português, largamente divulgadas em toda a Margem Sul,

concentraram-se diante dos escritórios, para reivindicar aumento de salários.

Em Setúbal, onde as forças da P.S.P. se mantiveram de prevenção, estrelajaram foguetes para assinalar o 1º de Maio.

Em Évora, em toda a região de Montemor-o-Novo, em outras localidades do Alentejo, os trabalhadores agrícolas não compareceram ao trabalho.

Em todo o Baixo Ribatejo, a agitação realizada despertou uma viva simpatia entre a classe operária. Em Sacavém, um grupo de soldados que depararam com manifestos, depois de terem procedido à sua leitura, colocaram-nos no mesmo lugar com o seguinte comentário: «Estes são dos nossos—Deixemo-los ficar que é para a malta das fábricas».

Em Alpiarça, o posto da PIDE foi reforçado com novos agentes. Aumentou o número de jeeps e a vigilância. Mas o manifesto da Comissão Executiva foi largamente difundido. No 1º de Maio os trabalhadores agrícolas fizeram greve, apesar do ambiente de intimidação,

Nesse dia era praticamente impossível andar nas ruas. Os esbirros da PIDE tomavam atitudes provocatórias e revistavam embulhos. Alguns jovens que procediam a um peditório para a compra do equipamento desportivo, destinado a um grupo de futebol, foram agredidos por agentes da PIDE.

No Porto, a vigilância policial reforçou-se em toda a cidade, de maneira ostensiva. Dias antes teve lugar uma larga agitação, convidando os trabalhadores a manifestarem-se no 1º de Maio.

Os operários gráficos de Lisboa, Porto e outras cidades não compareceram ao trabalho, mantendo deste modo uma tradição de longa data.

Não possuímos ainda informações de actos comemorativos do 1º de Maio noutras regiões do país.

Ano após ano, a Jornada Internacional dos Trabalhadores é assinalada por formas múltiplas de luta, que reafirmam a disposição da classe operária de continuar o combate contra a exploração capitalista e o poder da ditadura, até à sua emancipação completa.



TRIBUNA MILITAR

Ministério da Marinha (Lisboa) pelas condições de tremenda falta de higiene em que se encontram, o refeitório e cozinha das praças no Ministério da Marinha não parecem destinadas a seres humanos e mostram bem o desprezo a que são votadas as centenas de praças aí existentes. Os altos comandos fascistas limitam-se a esconder o espectáculo repelente de que são responsáveis. Quando, por qualquer circunstância, o refeitório e a cozinha podem ficar expostos aos olhos populares, o encerramento das portas é rigorosamente ordenado. Chegam ao ponto de mandar colocar em frente daquelas instalações praças armadas para impedir que o pessoal da cozinha saia à rua e que o pessoal da caserna se mostre sem a estafada fardamenta.

E nada mais fazem os comandos salazaristas para modificar tão vergonhosa situação!

Fuzileiros Navais

Numa reunião que teve com oficiais fuzileiros, o comandante dos Fuzileiros Navais bradava aflito que é preciso evitar-se a todo o custo que as praças continuem a dizer que vão para as colónias matar pretos. Porque para os criminosos al-

tos comandos fascistas, o que é preciso é fazê-lo e não dizê-lo!

Arsenal da Marinha

Mais de 80 marinheiros, presos por desertores, encontravam-se em fins de Fevereiro na prisão do Corpo de Marinheiros do Alfeite.

Deserções

Aproveitando as licenças de Natal, cerca de 90 militares do curso de sargentos milicianos desertaram do Quartel das Caldas da Rainha.

Luta dos Médicos

Por discordarem das normas governamentais relativas à distribuição de honorários, os médicos do Hospital de S. João da Madeira estiveram recentemente em greve. Como a mesa da Provedoria tivesse demitido o chefe da cirurgia, grande número de médicos, incluindo o director clínico pediram a demissão. Em resposta a estas acções, o ministro ordenou que todo o pessoal médico fosse destituído.

O corpo clínico daquele hospital enviou uma exposição ao ministro, na qual formulava as suas reivindicações.

A VIAGEM DO PAPA PAULO VI

(continuação da pág. 1)

Em vez do aeroporto de Lisboa, o Papa escolheu a base aérea de Monte Real, a 40 quilómetros de Fátima, reduziu a sua estadia em Portugal a umas escassas horas de permanência no Santuário, regressando a Roma no mesmo dia.

Os governantes salazaristas procuram aproveitar-se da visita de sua Santidade, em benefício do seu abalado regime.

Os ideais de concórdia entre os povos, de relações pacíficas entre as nações, da prática da tolerância, da liberdade de pensamento e de acção preconizados pelo Papa João XXIII na sua encíclica «Paz na Terra» e confirmados pelo Concílio Vaticano II estão em contradição com a política salazarista, com os actos dos seus dirigentes.

O governo de Salazar proibiu a publicação do texto integral da encíclica «Paz na Terra», impôs à imprensa diária completo silêncio sobre a viagem de Paulo VI a Bombaim e o ministro dos negócios estrangeiros, Franco Nogueira referiu-se, em termos desrespeitosos, a essa viagem. O bispo do Porto,

D. António Ferreira Gomes, foi condenado ao exílio, porque se permitiu criticar alguns aspectos da política salazarista. Podemos ainda perguntar: Quem expulsou de Portugal o padre Alves Correia? Quem prendeu os padres Pio e Perestrelo? Quem prendeu e torturou sacerdotes católicos angolanos, pela sua simpatia para com os seus irmãos em luta?

Quem encerrou a Cooperativa católica PRAGMA e prendeu os seus dirigentes?

O governo de Salazar apoia a política de guerra dos imperialistas americanos no Vietnam, persegue os portugueses que se pronunciam pela Paz, incluindo elementos católicos. Conduz em Angola, Guiné e Moçambique uma guerra monstruosa contra os povos que lutam pela autodeterminação e a independência.

Estas atitudes do governo fascista encontram-se em oposição com os objectivos de Paz que trazem a Portugal o Papa Paulo VI, conforme declaração deste.

Cabe ao povo português, aos democratas, aos católicos, aos milhares e milhares de homens e de mulheres que creem em Deus desmascarar a política do governo fascista de Salazar e as manobras do alto clero reaccionário, que lhe dá o seu apoio.

Em volta da causa da Paz, da Paz no Vietnam, da Paz em Angola, Guiné e Moçambique, da «Paz, postulado indispensável de todo o progresso e bem estar», no dizer do próprio Papa, se devem fundir os interesses e esforços dos portugueses que creem em Deus e dos não crentes, que querem salvar a Humanidade dos perigos e dos horrores de uma nova guerra e reconhecem aos povos o direito de viverem livremente e em plena independência.

O 1º DE MAIO EM ESPANHA

Sob as consignas de luta pela democracia, liberdade sindical e direito à greve, decorrem em cerca de 20 cidades espanholas a jornada do 1º de Maio.

Em S. Sebastián, Santander, nas bacias mineiras das Astúrias, Mérida, Barcelona, Valência, Madrid, Sevilha, Málaga, Terrasa e vários outros centros, realizaram-se manifestações massivas e deram-se violentos encontros entre milhares de manifestantes e as forças da policia. Entre os 300 detidos, conta-se uma dezena de sacerdotes.

Apesar das ameaças de repressão, milhares de trabalhadores seguiram as consignas lançadas pelos comités operários constituídos por comunistas, católicos, socialistas e falangistas dissidentes.

Entre as tarjetas distribuídas

convocando as manifestações do 1º de Maio que circunaram em Barcelona, havia uma assinada por 67 sacerdotes.

As manifestações do 1º de Maio foram precedidas de um largo movimento de greves e lutas reivindicativas múltiplas, particularmente notáveis nos sectores mineiro, metalúrgico e estudantil.

Após a greve dos mineiros das Astúrias do 1 de Fevereiro passado, na qual participaram mais de 23.000 trabalhadores do sub-solo, outras se lhe seguiram abrangendo milhares de trabalhadores de vários outros ramos industriais, bem como a juventude, designadamente a juventude universitária.

Sob o impulso galvanizador da luta da classe operária espanhola, tem-se forjado e desenvolvido a unidade de acção das forças democráticas e anti-falangistas.

O desenvolvimento e vigor dessas lutas evidenciam o elevado nível de combatividade e radicalização política da classe operária espanhola, sob a orientação e organização do valoroso Partido Comunista de Espanha.

Quantias Recebidas dos Amigos do Partido

Rubricas atresadas	melha	230\$00	Ho Chi minh	20\$00	Pedreiros da	
Dezembro 1966	Cheloplín (I)	50\$00	Idem	20\$00	luta	250\$00
	Cholocov	10\$00	Idio Esteves	150\$00	Peixe verme-	
		10\$00	Imprensa de-		lho	100\$00
Abaixo o impe-	Clara Zeikin	10\$00	mocrática (I)	50\$00	Pela Colónia	75\$00
rialismo		10\$00	Indep. para		Pela indep.	
Ao povo na	Colab. dos tro-	180\$00	as colónias	30\$00	nacional	1.000\$00
revolução	balhadores	180\$00	Industrial		Pela liberd.	70\$00
Avante pro-		745\$00	progressista	50\$00	Pela liberd. dos	
letários	Colónia Fern.	50\$00	Isabel	5.000\$00	portugues.	100\$00
Fora com os	Conlos verm.	300\$00	José Pacheco	20\$00	Pela libertag. de	
americanos	Lutar até à	5\$00	Jovem pro-		J. Honrado	75\$00
victória	vitória	20\$00	gressista	20\$00	Idem	40\$00
Unidade anti-	Unidade anti-	1.000\$00	Juventude		Pela Reforma	
-fascista	-fascista	100\$00	comunista	14\$00	Agrária	20\$00
		1967	Cultura socia-		Pela revolu-	
			lista	200\$00	ção	5.000\$00
			Cupons	40\$00	Pela unidade	50\$00
Abaixo a g.	colonial	400\$00	Das massas pa-		Idem	100\$00
Abaixo o im-	perialismo	20\$00	o Partido	874\$00	Poemas	340\$00
Af. Gregório	60\$00	180\$00	Defender e		Por um Moc.	
			organizar	250\$00	democrát.	1.000\$00
À glória de	Marx e Lênin	100\$00	DEMAC pa-		Por um Portu-	
Alentejano	100\$00	100\$00	o Partido	100\$00	gal livre	700\$00
Alfaiate ver.	100\$00	100\$00	Democracia		Portugal anti-	
Almada	370\$00	100\$00	socialista	800\$00	-fascista	10\$00
			Dasenhador		Idem progres.	10\$00
			progressista	50\$00	Idem vermelho	10\$00
			Dias Coelho	345\$00	Idem	10\$00
Amanhã	200\$00	200\$00	Idem	100\$00	Presos polít.	200\$00
A memór. de A.	Diniz (Alex)	75\$00	Educação		Idem	30\$00
À memór. de	Fer. Vicente	650\$00	socialista	350\$00	Rogério de	
À memór. de	Fialho	20\$00	Egito revo-		Carvalho (F)	200\$00
À memór. de	Marx e Lênin	100\$00	lucionário (I)	100\$00	Idem (F)	235\$00
A. de Sousa	500\$00	500\$00	Familia		Romeu e	
Amigo da	100\$00	100\$00	comunista	50\$00	Julieta	50\$00
lçia	200\$00	200\$00	Ferreira	40\$00	Rosela verm.	520\$00
Amistia, ta-	lço 102	50\$00	Marquês	40\$00	Rumo à	
AMP 7	20\$00	20\$00	Ferrovários		30\$00 vitória	12.000\$00
Angola livre	20\$00	125\$00	vermelhos	49\$00	Idem	200\$00
			Filho de peixe		Salário de	
Aniversário R.	Luis Gomes	25\$00	sabe nadar (I)	20\$00	um dia	50\$00
António (10)	100\$00	100\$00	AMP 7	20\$00	Mais um comu.	50\$00
(12)	100\$00	100\$00	Angola livre	20\$00	Meneus	50\$00
Ant. Santo	50\$00	50\$00	Firmeza	170\$00	M. Machado	10\$00
Ao povo na	revolução	140\$00	Idem	20\$00	Idem	10\$00
Aos presos	políticos	20\$00	Aniversário R.		Marinheiro	
Apelo de	Natal	23\$50	Luis Gomes	25\$00	comunista	60\$00
			António (10)	100\$00	Marinheiro	100\$00
			(12)	100\$00	simpaticizante	220\$00
			Ant. Santo	50\$00	Melo	900\$00
			Ao povo na	140\$00	Morte a	
			Aos presos	20\$00	Salazar	10\$00
			políticos	20\$00	Motor verm.	50\$00
			Apelo de	23\$50	Mulheres	7\$50
					Comunicas	90\$00
					Natal cósmico	30\$00
					Niemeyer	40\$00
					Idem	40\$00
					O fasc. não	
					passará	50\$00
					O Mundo	60\$00
					Os dois socia-	
					listas	20\$00
					Idem	20\$00
					Operários que lu-	
					tam por um mun-	
					do melhor	161\$50
					Operários tén-	
					teis do Sul	10\$00
					Operário anti-	
					-fascista	10\$00
					Operário	10\$00
					progressista	10\$00
					Idem	10\$00
					Operário	10\$00
					vermelho	194\$00
					Idem II	10\$00
					Veiga de	
					Oliveira	450\$00
					Venceremos!	100\$00
					Vietnam livre	2\$50
					Viva o VI	
					Congresso	85\$00
					Viva Lumumba	40\$00
					Idem	20\$00
					Viva o P.	50\$00
					Viva a revolu-	
					ção africana	20\$00
					VI Congresso	100\$00
					Idem	100\$00
					Idem	120\$00
					Idem	20\$00
					Idem	60\$00
					Paz no Vietn.	50\$00
					Total	62.943\$20

Radio PORTUGAL Livre

Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 25 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros.

Aos domingos, uma emissão especial dedicada aos camponeses, das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

DO VIETNAM A PUNTA DEL ESTE

Do Vietnam ao Cabo Horn, do Extremo Oriente à ponta sul da América, o imperialismo americano trama contra o direito dos povos de disporem livremente dos seus destinos e contra a paz mundial.

A recente reunião dos países do bloco militar da SEATO confirma os propósitos dos Estados Unidos e dos quatro governos fantoches que a ele se associaram—Austrália, Nova Zelândia, Tailândia e Filipinas—de continuarem a selvática guerra contra o heróico povo do Vietnam.

O povo do Vietnam quer a paz, paz que não pode divorciar-se da conquista da independência. Os Estados Unidos são os agressores. Por isso devem cessar os bombardeamentos e os outros actos de guerra. O respeito pelos acordos de Genebra, que estabeleceram as bases da independência, da unificação, da neutralidade, do direito do povo do Vietnam à livre escolha das instituições que devem vigorar na sua Pátria, têm de ser respeitados pelos agressores americanos.

Na Tailândia, 35 mil soldados dos Estados Unidos e 8 bases aéreas operam livremente contra o Vietnam. Aviões americanos violam os territórios de dois Estados soberanos—o Laos e o Camboja.

Na fronteira da República Democrática da Coreia, as provocações dos agentes do imperialismo americano fazem prevenir incidentes mais graves, que podem reacender a guerra que devastou o solo coreano, e agravar ainda mais a tensão internacional.

Apesar dos sucessos temporários da reacção e do imperialismo na Indonésia, a amplitude da acção popular no Extremo Oriente manifesta-se nas greves e lutas de massas contra a exploração capitalista e a guerra no Vietnam, nos resultados eleitorais no Japão, onde, pela primeira vez as forças de esquerda (comunistas e socialistas) fizeram eleger para governador de Tóquio um representante da sua escolha.

UMA POLÍTICA QUE LESA OS INTERESSES DOS POVOS DA EUROPA

A viagem de Humphrey, vice-presidente dos Estados Unidos, pelos países capitalistas da Europa Ocidental, foi um verdadeiro fracasso. Manifestações populares hostis à política imperialista norte-americana contra a agressão ao heróico povo do Vietnam tiveram lugar em todas as capitais europeias que visitou. Regressou a Washington praticamente com as mãos vazias.

Só no governo trabalhista inglês encontrou servilismo vergonhoso. Por isso não é de estranhar que as últimas eleições municipais inglesas se tenham saldado por uma derrota clamorosa dos trabalhistas. É o resultado lógico de uma política contra os interesses do proletariado e do povo inglês.

Os Estados Unidos associam à estreita colaboração com o trabalho britânico, quer na política de guerra quer na introdução da Inglaterra no Mercado Comum

Europeu, a cooperação com os militaristas de Bona. O actual governo alemão conta com a colaboração dos sociais democratas, mas este facto não alterou o rumo da política revanchista de Adnauer ou de Erhard.

Possuindo já hoje o mais poderoso exército da Europa Ocidental, os círculos governantes de Bona estão empenhados no reforçamento do bloco agressivo da NATO, ao lado dos Estados Unidos, dos dirigentes salazaristas e de outras nações, que os apoiam nas suas pretensões expansionistas e militaristas e na posse da arma nuclear, como recentemente o comprovou, mais uma vez, o ministro dos negócios estrangeiros de Salazar na sua última conferência de imprensa.

A actual política do governo da Alemanha Ocidental constitui um obstáculo à paz na Europa, à criação de um sistema de cooperação europeia.

A CONFERÊNCIA DE PUNTA DEL ESTE

Johnson reuniu-se com os presidentes «gorilas» das repúblicas da América Latina, para discutir com eles a acção dos Estados Unidos contra os povos respectivos e para estabelecer os novos planos da penetração americana.

A criação de um «Mercado Comum» americano, decidido em Punta del Este, permite assegurar a penetração económica dos Estados Unidos em todos os domínios da sua actividade imperialista, sem ter que preocupar-se predominantemente com a ajuda financeira a governos instáveis e corruptos.

O Mercado Comum americano basear-se-á em projectos multinacionais, o que na linguagem do imperialismo significa análise pormenorizada das possibilidades de cada país à penetração de capitais e produtos dos Estados Unidos.

A Conferência de Punta del Este realizou-se sob a pressão de grandes lutas populares em vários países da América Latina. Para esmagar a luta da classe operária e dos trabalhadores da América Latina,

numa tentativa vã para liquidar as conquistas socialistas de Cuba, os Estados Unidos esforçaram-se mais uma vez para impôr a criação de um exército intercontinental, que desampanharia no continente americano o papel de gendarme do imperialismo norte-americano e da reacção interna desses países. Os protestos que se ergueram da América Latina contra um tal exército fizeram ruir os planos dos Estados Unidos.

Mas os imperialistas americanos e as camarinhas governantes que os servem em vários países do mundo não podem mais traçar planos de dominação e de opressão como se estivessem só sobre a superfície da terra. Hoje existe o poderoso campo socialista. Contra o imperialismo se ergue a luta dos povos. Milhões de trabalhadores, milhões de camponeses, homens de continentes e raças diversas de fronteira, do Vietnam à ponta Sul da América, os bárbaros opressores americanos, combatendo corajosamente para que o mundo se liberte dos alçozes imperialistas e cada nação e cada povo possam viver em paz e em liberdade.

LUTA ESTUDANTIL VITORIOSA

Em meados de Janeiro do corrente ano lectivo, as aulas práticas de economia II no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras ainda não tinham começado e esta situação caótica prometia prolongar-se com prejuízo para todos os estudantes, especialmente os voluntários.

Para analisar a gravidade da situação e procurar solucioná-la, os estudantes realizaram uma reunião de curso em que foram aprovadas várias moções de protesto. Uma exposição a enviar ao director e ao regente da cadeira foi aprovada em nova reunião, realizada dias depois,

exigindo a rápida solução do problema.

Receando novas e mais vivas reacções, o director e aquele professor ainda tentaram iludir a questão: as aulas práticas só seriam dadas aos estudantes voluntários, enquanto que para os restantes, mas só para aqueles que estivessem matriculados em todas as cadeiras do 2º ano e que «parecessem oferecer melhores condições de aproveitamento», criar-se-iam umas «sessões de estudo».

Parante tal arbitrariedade, os estudantes reagiram vivamente, com novas reuniões de curso e comunicados. As suas acções reiteradas obrigaram à revisão total daquele critério selectivo, que foi finalmente revogado, ficando as referidas «sessões de estudo» abertas a todos os alunos de Economia II.

O GOLPE DE ESTADO NA GRÉCIA

SOLIDARIEDADE AO POVO

E AOS DEMOCRATAS GREGOS

O golpe de estado, que a 20 de Abril, fomentado e orientado pelo imperialismo americano destruiu a legalidade constitucional na Grécia, instaurou uma ditadura militar fascista.

O desenvolvimento da luta popular e democrática, a amplitude da sua acção e da sua unidade combativa infligiram sucessivas derrotas às forças reaccionárias gregas que defendiam interesses estrangeiros.

Ante a perspectiva de uma derrota certa nas eleições para deputados, que deviam realizar-se em fins de Maio, as forças reaccionárias fascistas recorreram ao uso da vio-

lência, aboliram a ordem constitucional, instauraram a ditadura com a conivência do rei Constantino. De novo, como nos anos trágicos do domínio de Caramanlis, milhares de democratas, entre os quais o herói da independência grega, Manolis Glezos, foram lançados nas prisões, submetidos a violências inauditas, ameaçados de morte.

A classe operária e os comunistas portugueses solidarizam-se com o povo e os democratas da Grécia e em particular com o seu valoroso Partido Comunista, e reafirmam a sua confiança na luta do povo grego pela democracia e a independência nacional.

A luta contra o imperialismo e a reacção é uma luta comum dos trabalhadores e das forças democráticas mundiais.

O VII Congresso

Do Partido Socialista Unificado da Alemanha

Realizou-se o VII Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha, com a presença de cerca de 70 delegações estrangeiras, entre as quais uma delegação do Partido Comunista Português, tendo participado nos seus trabalhos cerca de 2.000 delegados.

No relatório do C.C., apresentado por Walter Ulbricht, foram definidas as linhas de acção a emprender pela classe operária e os trabalhadores da República Democrática Alemã no domínio da economia, da cultura, do desenvolvimento geral da sociedade, Walter Ulbricht anunciou no seu relatório a introdução da semana de 5 dias

de trabalho a partir de Setembro próximo e o aumento geral de salários, factos que representam novos aspectos da melhoria das condições de vida criada pelo regime socialista.

Referindo-se à unificação dos dois Estados, o primeiro secretário do Partido Socialista Unificado da Alemanha afirmou: o imperialismo dividiu a Alemanha, a classe operária unificá-la-á.

O jornal «Avante!» saúda o Partido Socialista Unificado da Alemanha, a classe operária e o povo trabalhador da RDA pela realização do VII Congresso.

A CONFERÊNCIA DOS PARTIDOS Comunistas e Operários da Europa

(continuação da pág. 6)
cidades às forças agressivas. São centros de conspiração contra a paz e bases de agressão».

Depois de denunciar a colaboração do governo fascista português com a Alemanha de Hitler e agora com a Alemanha revanchista, depois de assinalar a existência de bases militares dos Estados Unidos e da Alemanha, em Portugal, Álvaro Cunhal afirmou: «No caso de Portugal a luta pela paz, em todos os seus aspectos é, ao mesmo tempo, pelo seu conteúdo e na sua expressão, uma luta contra o fascismo e pela democracia».

«Dominado economicamente pelos grandes países imperialistas,—disse Álvaro Cunhal—Portugal fascista é hoje uma base de preparativos militares agressivos dos Estados Unidos e da República Federal Alemã».

«Em Portugal, a luta pela paz e a segurança está indissolúvelmente ligada à luta pela libertação do jugo do imperialismo, à luta pela verdadeira independência nacional».

Álvaro Cunhal acentuou as responsabilidades do proletariado da Europa e respectivos Partidos para com os povos em luta pela independência nacional. «A dominação colonial e o neo-colonialismo com-

portam focos de tensão e ameaças para a paz dos próprios povos da Europa».

«Nós, comunistas portugueses—disse Álvaro Cunhal—tanto pelo nosso dever como internacionalistas, como pelos nossos deveres como patriotas, apoiamos a luta pela independência dos povos das colónias portuguesas e tudo faremos para ajudá-los, tal como eles, pela sua luta, estão ajudando a luta do nosso próprio povo».

E logo a seguir Álvaro Cunhal assinalou que «não é apenas no interesse do povo português e dos povos das colónias portuguesas, mas de todos os povos europeus que se ponha rapidamente fim à guerra conduzida pelo governo de Salazar contra os povos de Angola, Guiné e Moçambique. Essa guerra comporta sérios riscos para a própria segurança europeia».

E a concluir a intervenção, sobre um sistema de segurança colectiva na Europa, Álvaro Cunhal afirmou: «Em estreita e fraternal cooperação com o Partido Comunista da União Soviética, com os partidos comunistas e operários do campo socialista, com os partidos irmãos de outros países, nós, comunistas portugueses, não pouparemos esforços para cumprir com honra a nossa tarefa».



Agrava-se a situação dos presos de Peniche

O regime de violências e de castigos, na Fortaleza de Peniche, torna-se cada vez mais grave e proporcional.

São raivosos executores desse ambiente, além do chefe dos guardas, Vitor Ramos, os guardas Pouppe, Rosa, Cunha e Pereira, cuja actuação provocatória denuncia-nos a opinião pública nacional e internacional, pelas graves consequências que comporta para a saúde e a vida dos presos políticos.

Em resultado de provocações dos guardas Loureiro, Pouppe e outros, foram punidos respectivamente com 50 e 20 dias de «segredo» os presos Jorge Araújo e Manuel Rodrigues, este com 60 anos de idade. Um preso, cujo nome não conseguimos apurar sofreu 70 dias (!) de castigo no segredo. Sabendo-se que o «segredo» sofre directamente a acção do mar e que durante uma boa parte do ano escorre água das paredes, tais «castigos» são uma forma de matar lentamente.

As más condições prisionais junta-se uma alimentação escassa e de má qualidade de que directamente são responsáveis o «ecónimo» Lopes e o «fiel» Bastos.

A má alimentação geral e a inexistência de dietas continuam a contribuir para o agravamento do estado de saúde dos presos.

Doentes graves como Agostinho Saboga e Augusto Lindolfo, ambos com a pena terminada, são mantidos na prisão em vez de serem hospitalizados e devolvidos à liberdade. Afonso Gregório, atingido por perturbações nervosas, que se têm acentuado, continua encerrado na sua cela. José Carlos, vítima de uma tuberculose contraída na prisão, permanece em condições semelhantes.

Intensifiquemos a luta pela Amnistia e contra as «medidas de segurança». Reclamemos um tratamento digno e humano para os presos políticos.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Através dos microfones da Rádio Portugal Livre, os destacados dirigentes do Partido Comunista Francês e da classe operária de França, Jeannette Vermesch Thorez, membro do Bureau Político do Partido Comunista Francês, Roger Garaudy, filósofo, professor universitário e membro do Bureau Político do mesmo Partido, Marie Claude Vaillant Couturier, ex-prisioneira do campo de concentração de Auschwitz, ex-vice-presidente da Assembleia Nacional Francesa, membro do Comité Central do Partido Comunista Francês, André Wurmser, escritor e jornalista de L'Humanité e membro do Comité Central do mesmo Partido dirigiram aos trabalhadores e democratas portugueses palavras de solidariedade, de confiança e de apreço pela luta que conduzem contra a ditadura fascista, palavras que provocaram uma viva satisfação em quantos puderam escutá-las pela Rádio ou delas tiveram conhecimento. Jeannette Vermesch e Marie

A CONFERÊNCIA DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS DA EUROPA

A Conferência dos Partidos Comunistas e Operários da Europa, realizada em Karlovy Vary, terminou os seus trabalhos a 26 de Abril.

Um dos traços mais salientes da Conferência foi o ambiente de cooperação e a forma construtiva em que decorreram os seus trabalhos.

Fortalecendo a sua unidade e coesão, os Partidos Comunistas e Operários, presentes em Karlovy Vary, puderam discutir a actual situação da Europa e tomar um conjunto de medidas concretas e objectivas destinadas à salvaguarda da Paz, à cooperação pacífica entre povos e nações com regimes sociais diferentes.

A Declaração elaborada pela Conferência corresponde aos anseios de paz e de cooperação que animam os trabalhadores e os povos da Europa e pode transformar-se num largo factor de unidade das forças que querem opôr-se aos planos agressivos do imperialismo.

Em vez da existência da NATO e do Pacto de Varsóvia propõem a destruição dos dois blocos militares e um acordo imediato nesse sentido, a convocação de uma Conferência de todos os Estados Europeus sobre o problema da segurança e da cooperação pacífica na Europa, a realização de uma Conferência de representantes de todos os parlamentos europeus.

O plano de segurança colectiva da Europa, proposto pela Conferência de Karlovy Vary, baseia-se nos princípios da coexistência pacífica entre Estados com regimes sociais diferentes; no reconhecimento das actuais fronteiras da Europa, sobretudo da fronteira Oder-Neisse e também nas actuais fronteiras dos dois Estados Alemães; no reconhecimento da existência da República Democrática Alemã e da República Federal Alemã, como dois Estados soberanos e iguais em direitos; renúncia da R.F.A. à pretensão de representar toda a Alemanha e à posse da arma nu-

clear; renúncia das nações ao emprego da força ou à ameaça do emprego da força; não intervenção nos assuntos internos de outros países; normalização das relações entre todos os estados; reconhecimento do princípio da neutralidade e da inviolabilidade dos países neutros; abolição das barreiras artificialmente criadas nas relações económicas; retirada das tropas estrangeiras, do território dos estados europeus; liquidação das bases militares estrangeiras; criação de zonas desatomizadas na Europa Central, Balcans, Danúbio e Europa Setentrional.

«Uma das principais tarefas da luta pela segurança europeia — afirma a Declaração da Conferência — é o reconhecimento da República Democrática Alemã e a defesa dos seus direitos soberanos. A existência e desenvolvimento de um estado socialista, que ocupa posições pacíficas, tem uma imensa importância, não somente para o povo alemão, mas também para a paz em toda a Europa».

Os Partidos Comunistas e Operários, analisaram igualmente a situação resultante da luta que os povos de vários continentes conduzem pela sua independência e contra a dominação imperialista.

«Os comunistas que sempre lutaram contra o imperialismo, o colonialismo e o neo-colonialismo, diz-se na Declaração — reforçarão a sua solidariedade aos povos que ainda lutam pela sua libertação nacional.»

A solidariedade dos Partidos Comunistas e Operários da Europa aos povos em luta e aos países recentemente libertados do jugo colonial constituirá uma contribuição valiosa para a conquista e consolidação da sua independência, para a defesa da paz, para a criação de relações normais entre a classe operária e os povos da Europa e os povos e países de África, Ásia e América Latina.

A Conferência dos Partidos Comunistas e Operários da Europa condenou a política agressiva do imperialismo americano, a sua intervenção grosseira nos assuntos internos de outras nações, a bárbara guerra de agressão contra o heróico povo do Vietnam.

Além da Declaração sobre a Paz e a Segurança na Europa, a Conferência aprovou um apelo em apoio da luta do povo do Vietnam e uma declaração denunciando o golpe fascista na Grécia.

A participação do P.C. Português na Conferência

A delegação do Partido Comunista Português, dirigida pelo camarada Álvaro Cunhal, participou activamente nos trabalhos da Conferência.

Caracterizando as actuais condições políticas da Europa em que se situa a luta pelos objectivos fundamentais da Conferência, Álvaro Cunhal definiu os três objectivos fundamentais que devem ser atingidos para a realização do sistema de segurança europeia: «Libertar a Europa Ocidental da tutela económica e militar dos Estados Unidos; impedir o desenvolvimento das forças expansionistas e revanchistas da República Federal Alemã; conseguir que o pacto agressivo da NATO não seja prorrogado.»

As forças do imperialismo apoiam-se além fronteiras nos regimes reaccionários, pois são estes que melhor servem a sua política de agressão. «A troca do auxílio de que carecem — afirmou Álvaro Cunhal — para se manterem no poder, os governos fascistas e reaccionários dão o apoio e todas as fa-

(continua na pág. 5)

CHEGA AO NOSSO POVO A VOZ de dirigentes do P. Comunista Francês

Claude Vaillant Couturier aludiram à corajosa luta das mulheres portuguesas, evocaram os nomes de Sofia Ferreira, Maria Alda Nogueira, Fernanda Tomás, Colélia Fernandes e de outras mulheres encarceradas para lhes reafirmarem o apreço em que têm a sua dignidade e coragem, para lhes garantirem a solidariedade das mulheres francesas, várias vezes envidenciada na luta contra a repressão salazarista.

Roger Garaudy e André Wurmser, cuja obra e actividade política são conhecidas e apreciadas em Portugal, tiveram palavras de simpatia para os lutadores anti-fascistas e para os intelectuais que tomam parte na luta contra o fascismo salazarista. Ambos denunciaram os crimes da ditadura, que roubou a vida ao escultor Dias Coelho, que mantém na prisão o escritor Siou Monteiro.

As palavras de Jeannette Vermesch Thorez, Marie Claude Vaillant Couturier, Roger Garaudy e André Wurmser, palavras frater-

nas e amigas, ditadas pelos laços de solidariedade de dois partidos irmãos, são um motivo de encorajamento aos nossos combatentes encarcerados, e quantos não cessam a luta contra o governo fascista.

O «AVANTE» NÃO SE DESTRÓI

O «AVANTE!» passa-se a um amigo de confiança, envia-se a um conhecido, a um democrata, deixa-se num local onde possa ser facilmente encontrado por trabalhadores, mete-se numa caixa postal, ou por debaixo de uma porta, em condições de segurança.

A MORTE DE VLADIMIR KOMAROV

Vítima de um trágico desastre quando regressava da sua segunda viagem ao Cosmos, a morte do heróico cosmonauta soviético V. Komarov causou uma profunda consternação nos comunistas portugueses, na classe operária e no povo de Portugal.

Vladimir Komarov era um comunista convicto e um ardente patriota. Intrépido aviador, tornou-se um apaixonado pelas novas descobertas do Cosmos, pelo desenvolvimento da Ciência, a cujos objectivos sacrificou a sua vida.

O Partido Comunista Português associou-se à intensa mágoa que tomou o povo soviético, numa mensagem enviada pelo camarada Álvaro Cunhal ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética.

«Acompanhando o Partido Comunista da União Soviética e todo o povo soviético neste hora de luto e de dor — diz a mensagem —, os comunistas portugueses afirmam-vos e sua certeza em que, depois deste doloroso acontecimento, novas e maiores vitórias serão alcançadas pela cosmonáutica soviética e o povo soviético no caminho para a conquista do Cosmos».